



QUINZENÁRIO REGIONALISTA — PROPRIEDADE DE NOSSA SENHORA DO ALVÍO

VILA VERDE



Director e Editor Cón. Domingos Peixoto da C. e Silva

Redacção e Administração: Residência Paroquial de Prado — Tel. 9223 — BRAGA VISADO PELA CENSURA Composto e impresso nas Oficinas Gráficas do «Diário do Minho» — BRAGA

Eleições

No próximo dia 8 de Junho vão os eleitores escolher o Presidente da República Portuguesa. Está em curso o período da campanha eleitoral. São 30 dias de Meditação, estudo, propaganda e decisão.

Ninguém pode ficar indiferente ou neutro, nem tomar a indigna atitude da abstenção.

Apresentam-se três candidatos bem desiguais: dois pela Oposição e um pela União Nacional.

É assunto de transcendente e capital importância e que tem de ser dirimido por todos os portugueses. Trata-se de eleger o primeiro magistrado da Nação que durante sete anos, com os maiores poderes outorgados pela Constituição, presidirá aos destinos de Portugal. Função altíssima e cheia de responsabilidades. Só um homem íntegro, bem dotado e exemplo vivo de virtudes, poderá bem desempenhar a missão de Chefe do Estado. É função e dever do Presidente eleito, procurar e promover o bem comum e o progresso da Nação, respeitando a liberdade pessoal; evitar, na medida do possível, os perigos e males temporais, tais como guerras e sedições, seitas e organizações que visem à destruição dos fundamentos da sociedade, como: comunismo, ateísmo, socialismo, etc.; confiar as funções públicas a homens dignos e aptos e afastar os indignos e inábeis; administrar a justiça, sem acepção de pessoas; guardar as devidas relações com a Igreja, reconhecendo os seus direitos e auxiliando-a a realizar o seu nobre fim espiritual e civilizador. As eleições, olhadas com suspeita pela parte melhor da Nação, pelos muitos abusos cometidos num passado que ainda não esqueceu e por ser invenção do Liberalismo Parlamentar, de tão negrada memória, são, nas presentes circunstâncias, motivo de preocupação nacional, de que ninguém se pode alhear. Eleger é escolher o melhor. E assim, duas obrigações se impõem à consciência de cada um: ir às urnas e dar o seu voto ao melhor. É uma obrigação grave de consciência, imposta pela justiça e pela caridade. A abstenção nunca é permitida.

Fugir à luta entre o bem e o mal, não tomar posição em assunto de capital importância para a vida individual, familiar e social, é uma cobardia revoltante, é uma odiosa deserção.

Devemos amar a Pátria, até dar o sangue por ela, sempre que seja necessário. Desinteressar-se dela, é esquecer à Mãe que nos alimenta a vida social, que nos defende e garante direitos. Votar é uma afirmação de vida e de princípios. Ainda que a oposição desapparecesse, ainda então havia obrigação de definir posição. Procurar conhecer, directa ou indirectamente, pela imprensa séria e pessoas fidedignas, os candidatos drosptos e suas qualidades,

progras e garantias válidas, correntes de opinião e partidos em que se apoiam, é trabalho indispensável e urgente, a fazer com calma e objectivamente, com critério de isenção e olhos fitos em Deus e na Pátria. O povo das nossas aldeias, ordeiro e trabalhador, religioso e reflectido, não vai desnoitear-se com promessas falazes, nem com palavras ócas e demagógicas. Ainda é o lavrador o suporte das qualidades conservadoras da alma da Nação. Difícilmente se encontrará no meio da turba arruaceira um trabalhador rural, apesar da lavoura estar abandonada. Por isso, todos os eleitores deste lindo e brioso concelho, vão marcar a sua presença, ainda que com sacrifício e calando justas reivindicações, votando, de harmonia com os ditames de suas consciências de católicos e de portugueses, naquele Candidato que melhor personifique a Pátria Amada.

No entanto, pela forma que a Campanha eleitoral está a tomar, parece que não se vai tratar de escolher o melhor, mas apenas de defender Portugal. Os portugueses, de todos os credos políticos e condições, irmanados no mesmo Amor à Pátria e conscientes dos perigos da hora decorrente, vão mais uma vez, num plebiscito de aclamação nacional, votar no homem extraordinário que, com sacrifício e abnegação, durante os últimos 30 anos, tão alto ergueu o pendão de Portugal. J. Azevedo.

Foi assim...

Em Lourdes

Bernardette era uma menina, cândida e pura, que tinha 14 anos de idade quando lhe apareceu N. Senhora, mas era tão magrita e tão franzina que parecia ter 10 ou 11.

Gostava de pastorear as ovelhas da sua ama, e brincar com os cordeirinhos, de ouvir cantar nas ramadas as avezinhas, e de rezar as contas do seu rosário.

Se alguém lhe dizia: — tu não sabes nada! — logo sorria e humilde, respondia meigamente a pequenita:

— Sei, sim Senhor. Sei rezar o tercinho.

Os seus pais Francisco e Luísa Soubrious eram pobres. Tão pobres que nem uma casita tinham de seu.

Foi no dia 11 de Fevereiro de 1958. Por sinal um dia húmido e frio. Em casa dos Soubrious havia fome, e ainda se não tinha acendido o lume.

Bernardette, juntamente com a sua irmã e uma vizinha, tinha ido à lenha para os lados de Massabielle.

As três meninas precisaram de atravessar uma levada larga e funda, que levava água para um moinho velho. Descalças, Antonieta e a vizinha atravessaram facilmente as águas frias do canal; Bernardette, porém, depois de tentar, mas em vão, atravessar a pé enxuto, resolveu descalçar-se também.

De repente pareceu-lhe que se havia levantado um

pé de vento ameaçando tempestade. Ergueu-se depressa, e olhando para todos os lados viu que nem as folhas das árvores buliam. Foi engano, pensou para consigo. Novamente se inclina para tirar as meias, e de novo o impertinente barulho do vento a inquietava.

Desta vez viu numa gruta ensilveirada, que estava perto, uma Senhora vestida de branco, cingida de azul, calçada de rosas, e envolvida numa nuvem de oiro.

Quis fugir, mas a Senhora sorria e chamava-a.

Imediatamente a menina começou a rezar o tercinho que sempre a acompanhava, passando, também a Senhora as contas do Seu Rosário, mas só mexia os lábios, inclinando a cabeça, ao Gloria ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

* * *

Quando as outras meninas apareceram, já a aparição havia terminado, mas ainda encontraram Bernardette de Joelhos. Atiram-lhe, irónica e infantilmente, com algumas palavras que fizeram sofrer pela primeira vez, depois da aparição, a inocente e humilde menina. Depois foram os pais, os vizinhos, os indiferentes e os aietus, que a cada passo a martirizavam.

Estivera Bernardette proibida de ir a Massabielle, embora a Virgem lhe pedisse que fôsse lá todos os dias.

Esta proibição que lhe vinha dos pais não durou muito tempo, porquanto dali a dois dias, munida de água benta e acompanhada por algumas pessoas, dirigia-se outra vez para Massabielle.

De novo a senhora apareceu e, ao cair-lhe em cima a água benta, sorriu e aceitou aprovando a cautela de Bernardette.

Numa das aparições viu a menina, para os lados do Gave, uma multidão enorme de figuras humanas que se entrecrocavam e a gritar diziam-lhe: — Vai-te, vai-te, daí...

Mas, a um simples olhar da Senhora, todos se calaram e num instante desapareceram.

D'outra vez foi a 24 de Fevereiro, mal tinha começado a rezar o terço de joelhos, levantou-se muito aflita e disse para o povo: «Penitencial Penitencial Penitencial. Era o que a Senhora lhe acabava de pedir naquele instante.»

* * *

Arrebatada pelo êxtase, com a presença de Nossa Senhora, a contemplada, dum vez, tinha uma vela acesa que se foi consumindo pouco a pouco, e de tal modo que as chamas vivas começaram a contactar a a magrita mão da angélica menina. Porém, com o maior espanto da enorme multidão de crentes e descrentes, verificou-se que as chamas da

(Continua na 4.ª Pági)

Pela Administração

Novos assinantes

Aumenta, cada vez mais, o número dos assinantes de «O Vilaverdense». Como prova, eis a lista dos que chegaram à nossa Redacção nesta última quinzena. Foram os Ex.mos Senhores:

José Pereira Rodrigues, de Soutelo, que como já relatamos noutra parte, deu-nos a subida honra da sua colaboração. António José de Sousa, do Pico de Regalados, por intermédio do Snr. Alvaro Pereira Reis, também do Pico; Francisco Lopes de Sousa, ausente em Angola, paga adiantadamente e pedida pelo próprio; António Moreira, de Parada de Gatim, por intermédio de Manuel Correia; Albertina da Silva Baixo, de Lisboa, por intermédio de Adolfo F. Pinto, Filinto de Araújo Regadas, de S. Miguel de Oriz e João da Silva Coelho, de S.ta Marinha de Oriz; Joaquim Malheiro Amaral, do Porto; Vitor Nelson de Albuquerque Cardoso, de Braga, que ficará a pertencer ao número dos nossos correspondentes; e José Correia Gonçalves, do Canadá, por intermédio de Adolfo F. Pinto.

Assinantes que pagam

De 19-3-59 a 19-3-60: Joaquim Ferreira, da Farmácia do Carmo; De 19-3-58 a 19-3-59: António J. Martins, de Soutelo; Manuel, Alves, ausente na França; Manuel Machado da Costa, do Brasil, por intermédio de sua Mãe;

António Manuel Lopes, de Goães; Franklím Gonçalves Gomes, ausente em Angola; José Joaquim da Mota, de Godinhães; Luís Duarte, de S. Mamede de Escariz;

De 13-4-58 a 13-4-59: Manuel Cerqueira da Mota, que é novo assinante e pagou adiantadamente;

De 5-5-58 a 5-5-59: Mário da Silva Gonçalves, de Lisboa;

De 4-10-58 a 4-10-59: Manuel de Araújo, ausente em França.

De 19-3-57 a 19-3-58: Augusto da Silva Vaz, Ave-lino e Humberto Alves e José Ramos Alves, ausentes no Brasil; António Coelho Gomes, de Goães; José Martins Gama, de Sabariz; Nilo de Oliveira Primo, de S. Martinho de Escariz e Albino José de Oliveira de, Goães.

De 11-11-57 a 11-11-58: Lourenço José Barbosa, de Dossãos.

De 24-11-57 a 24-11-58: D. Maria Cândida Soares Fernandes, de S. Tiago de Carreiras.

De 4-10-57 a 4-10-58: Albino Afonso Magalhães, ausente em França.

De 8-12-57 a 8-12-58: P. José Valentim Pereira de Vilar, pároco de Oleiros e Manuel Fernandes Machado, de Goães.

E de 10-12-57 a 10-12-58: Mr. António Branco, da U. S. A.

Ainda de 19-3-58 a 19-3-59: D. Naria da Cunha Torres Fernandes, residente em Rio Mau e Abel Augusto Afonso Madeira, da Laje.

(CONTINUA)

Continua a campanha a favor dos nossos Bombeiros

Propuseram os Bombeiros Voluntários de Vila Verde gastar, neste ano 200.000\$00, para a compra do pronto-socorro, ambulância e outro material indispensável.

Há dias, houve aquele terrível desastre nos Arcos de Valdevez, de todos os Concelhos vizinhos marcharam as ambulâncias, em socorro, numa missão de solidariedade humana.

De Vila Verde, não foram cu i quer socorro, i to deviamos. E se tivesse acontecido no nosso concelho? Dentro em breves dias teremos o pronto-socorro e a ambulância.

Pedimos aos Revedos Párocos e Presidentes das Juntas que, como têm feito outros, organizem nas suas freguesias as comissões, arrgariem os donativos e enviem-no para a Direcção dos Bombeiros.

Aos vilaverdenses dispersos pelo estrangeiro pedimos que leviem o seu contributo.

Vai ser uma festa cheia de beleza o dia destas inaugurações.

Quadro de honra

O GOVERNO DA NAÇÃO

Recebemos de Sua Excelência o Senhor Subsecretário da Assistência um officio em que dizia que contribuiria para a ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vila Verde com a quantia até 30.000\$00.

O senhor António Pinheiro e irmãos, da Casa Vinha Nova de Revenda, contribuíram com 2.000\$00

Com esta generosidade, vamos para a frente para bem do nosso Concelho.

Os bombeiros dão a vida por nós e nós pomos à sua disposição o nosso dinheiro, para que eles possam exercer a sua benéfica acção.

Está à venda a velha tribuna do Alvío bem como as galerias da capela-mor, tudo em madeira de castanho e em bom estado de conservação.

Avaliação geral da propriedade rústica

Conforme noticiámos, vai-se proceder à avaliação geral da propriedade rústica do concelho de Vila Verde.

Já há muito se impunha esta avaliação. As matrizes que agora serão postas de lado enfermam de erros de origem e têm lançado a confusão nos funcionários e contribuintes, levando uns e outros a más identificações de prédios. Daí surgem embaraços e aborrecimentos, perda de tempo e despesas sem conta. Em tais condições nunca um proprietário poderia estar certo de ter as suas contribuições em dia.

É de esperar que as avaliações a que se vai proceder tragam maior tranquilidade às repartições e ao público.

Mas para isso é indispensável que elas sejam feitas com a maior perfeição. Os avaliadores são escolhidos com todo o cuidado mas podem ser induzidos em erro quando mal informados. Para evitar que tal aconteça devem os proprietários acompanhar o serviço das avaliações em todas as suas fases, estando presentes no local para prestar todos os esclarecimentos, consultando as cadernetas e os verbetes quando estiverem em reclamação.

(Continua na 4.ª Pági)

Monografia do Concelho de Vila Verde

Está quase concluída a Monografia do Concelho de Vila Verde, patrocinada pela nossa Câmara Municipal. É um livro que vem reunir o que está escrito sobre a origem histórica do nosso Concelho e das suas freguesias e coordenar e registar novos elementos colhidos na mais diversa documentação.

Há grande interesse por esta obra cultural, que será posta à venda na próxima semana.

Os vilaverdenses que queiram adquirir este livro, especialmente os dispersos pelo estrangeiro, podem pedi-lo à Papelaria Rainha, em Vila Verde.

Merece todos os louvores o senhor Presidente da Câmara por ter possibilitado esta edição tão útil, que vai agradar imenso aos vilaverdenses.

(Continua na 4.ª Pági)

POR TERRAS DE PRADO

Não concordamos

E' o Vilaverdense Futebol Clube uma equipa que admiramos, e à qual, para glória do desporto do nosso concelho, desejamos que as suas cores sejam no verde-esperança bem representativo dos prados que, por certo, deram o nome à Vila, nimbadas de glória, para exaltação da Terra que nos foi berço.

O que se não coaduna com a boa organização de uma colectividade que julgávamos desportivista na acepção da palavra, e sobretudo atenciosa, como aliás o devem ser todas as colectividades, é que a Congregação de Nossa Senhora do Alívio, sendo obra do concelho, pelo concelho e para o concelho, se houvesse dirigido já à sua direcção dois anos consecutivos, convidando aquele clube a colaborar nos seus festivais desportivos, e que os senhores que superintendem neste assunto, houvessem procedido — é com desgosto que o afirmamos — com desatenção completa, por uma obra que é nossa e é sua, e no seu aprumo e modo de proceder, sempre tem procurado revelar-se como «Congregação», onde reina o bom acolhimento de todos para todos.

O ano passado, para o 1.º festival Desportivo levado a efeito em 16 de Junho, o qual decorreu com brilhantismo desportivo, concretizámos, convidámos oficialmente este clube a colaborar na festa, cuja finalidade era a angariação de meios para a aquisição do terreno para a sede da associação.

Ficamos aguardando resposta até às vésperas, resposta essa que ainda hoje esperamos. Muito prejudicaram a congregação com este modo de proceder, pois que nas vésperas, a propaganda era nula, tendo em atenção que, para a elaboração do respectivo programa, nos faltava a certeza de um colaborador que só na ante-véspera conseguimos. Abstivemo-nos de fazer comentários, limitando-nos apenas a registar o lamentável facto.

Lembrem-se os Snrs. Dirigentes do Clube, com quem as nossas relações pessoais são favoráveis, pelo que estranhámos tal procedimento, que nos lembrámos do «Vilaverdense», para assim a nossa festa se realizar em ambiente familiar, e que, do convite feito por ofício a essa Direcção, na altura devida, não tivemos o prazer de guardar nos arquivos desta associação, uma desculpa oficial.

Este ano, e como a finalidade desta, como de todas as Congregações Marianas nada se relaciona com indiferenças, antes pelo contrário é deste factor, paradoxo, se não fazíamos conta de bater à porta que nos havia sido fechada, consentimos que um seminarista da Torre — homem respeitado nessa Vila, que nos quase garantia que a seu convite acederia a Direcção da equipa, contactasse convosco.

Em novo fracasso — deixem-me assim dizer — incorreu esta Direcção, estragando-nos outra festa, cujo prejuízo foi superior.

Depois de nos empatarem até às proximidades do festival, o que é lamentável, enviaram recado negativo, não apresentando desculpa concreta, mas engen-

drando qualquer coisa que não correspondera à realidade, segundo elementos em nosso poder, os quais não citamos aqui, porque muito viriam agravar a triste figura da Direcção duma colectividade.

Confessamos com sinceridade que não constitui este protesto qualquer ofensa à equipa que está classificada como das melhores do concelho, e que nós admiramos, mas sim a manifestação do nosso profundo desgosto.

Convidamos o Grupo Desportivo de Prado, a quem, desde a fundação da secção de Desportos da Congregação somos devedores da maior estima, admiração, gratidão e simpatia, não só pela sua pronta comparação aos nossos convites, mas como fornecendo-nos, nos primeiros tempos, material desportivo, cedendo-nos o campo e vestiários, enfim, franqueando-nos a casa, e vamos mais longe: auxiliando-nos na organização dos festivais, e mandando, para o acto, três jornaleiros diários, durante uma semana, preparar e reparar o campo de jogos.

Uma pergunta: estará, geograficamente, Prado, mais próximo do Alívio, (sede da Congregação) do que Vila Verde? A que atribuir pois tais diferenças? Gostaríamos de saber se por antipatia do «Vilaverdense F. Clube, pela Congregação, ou receio da não capacidade desportiva em enfiar o «Desportivo de Prado» (...)

— Pela primeira hipótese, não há razões para tal, uma vez que a Congregação tem cativado a simpatia do público em geral.

— Pela segunda, o desporto faz-se pelo desporto. Tomaria o «Vilaverdense F. Clube» a liberdade de admitir que a Congregação é coisa de canalha? Enganou-se. E' movimento de rapazes sim, mas que se esforcem por proceder como homens feitos.

Deslocou-se do Porto, para defrontar a nossa equipa, a «Associação Académica da Foz», categorizada por componentes com habilitações além 7.º ano, e com vitórias alcançadas sobre os Júniores do Leixões, Boavista, Equipa Inglesa do Porto, Ramaldense, etc., a expensas suas. Ali, havia chegado o eco da Congregação, e este brioso grupo de estudantes, oferecia-se para colaborar na nossa festa.

Pode ser pois, o Vilaverdense muito importante. Contudo, a obra da Congregação, é algo mais importante que alguns «Vilaverdenses» juntos.

A Direcção de Desportos.

Aniversário

No próximo dia 30, completa mais um aniversário o nosso bom amigo João Cancela Chaves.

Os nossos parabéns.

Partida

Encontra-se, há dias, em Lisboa, onde espera embarcar, em breve, para Luanda a menina Rosa Gonçalves Alves.

Que faça uma óptima viagem são os nossos sinceros desejos.

Excursão

a Fátima

Promovida pela Direcção da Casa do Povo desta Vila, realizou-se, no passado dia 17, uma digressão à Cova da Iria.

Não posso deixar de exprimir os meus sentimentos de regozijo pela forma admirável como tudo decorreu. Sempre se observou a melhor ordem, bom entendimento e respeito que muito contribuiu para que os excursionistas ficassem bem impressionados e, creio eu, com vontade de tomarem parte, frequentes vezes, em romagens assim orientadas.

Além de não haver o menor acidente, o que já é muito, é de salientar o facto de se tomar parte numa procissão de velas, no recinto de Fátima, dando uma pequena ideia do que sejam os dias 13, passados na Cova da Iria.

Estão de parabéns não só a Direcção da Casa do Povo por esta iniciativa como também todos os peregrinos, pela forma educada como se conduziram.

Bodas de Prata

Foi com grande satisfação que tivemos conhecimento do 25.º Aniversário do casamento do Sr. António Augusto Sá Machado, ocorrido no passado dia 20.

Para o celebrar condignamente e de harmonia com os sentimentos de verdadeiro cristão, assistiu à Santa Missa e demais actos religiosos, realizados na igreja Matriz, abeirando-se da Sagrada Mesa da Comunhão, rodeado de sua esposa e de todos os filhos.

A' noite, juntou em sua casa toda a família, manifestando a grande alegria que lhe ia na alma pela comemoração de um dia tão festivo.

Fazemos votos para que celebre as bodas de Ouro e, se Deus o permitir, as de Diamante.

Novos cristãos

Receberam o santo sacramento do Baptismo, durante esta última quinzena, as seguintes crianças:

Em 11, Virgínia Rosa, filha de António de Sousa e de Rosa Pereira Gomes, do lugar da Ramalha. Foram padrinhos Francisco de Sousa e Virgínia de Sousa e Silva.

Em 13, António Augusto, filho de António Gomes Gonçalves e de Maria da Silva, do lugar de Francelos. Foram padrinhos António Augusto Vaz de Oliveira e Marlene Valério da Silva Oliveira, residentes no lugar dos Eidos.

Em 18, Ana Maria, filha de Ernesto Domingues de Sousa e de Júlia de Castro Fernandes, do lugar do Portelo. Foram padrinhos José de Castro Fernandes e Ana Dias de Sousa.

No mesmo dia 18, Victor Manuel, filho de Manuel Ferreira da Costa e de Maria Joaquina da Silva Ferreira, do lugar do Faial. Foram padrinhos Luís Francisco Ferreira da Costa e Maria Benilde Ferreira.

Nas mãos de Deus

Depois de 7 anos de paralisia, acompanhada, muitas vezes, de prolongado sofrimento, deixou este mundo a sra. Maria das Dores Fernandes, de 55 anos, casada com o sr. José Lemos (motorista).

O seu funeral causou profunda consternação pela forma como decorreu. Sendo a extinta mãe duma modelar catequista, Rosa das Dores Fernandes Lemos, todas as crianças da Catequese, desta freguesia, se associaram à sua grande tristeza, acompanhando os restos mortais daquela a quem o seu coração, ternamente, amava.

A sua alma foi sufragada com Missa de sétimo dia e Obradas.

Que o Senhor lhe conceda o repouso eterno e de alívio à família enlutada.

Oleiros

Aniversários — O nosso illustre amigo sr. Epifânio Domingues, digníssimo comerciante, desta freguesia e assinante de «Vilaverdense» festejou o seu aniversário natalício no dia 28 de Abril.

— Fez também anos no dia 25 de Abril a sra. D. Júlia da Silva Pereira, pessoa estimadíssima desta freguesia.

— Completou 19 primaveras no dia 22 de Maio o nosso conterrâneo e amigo Manuel Gonçalves Leitão filho querido da digníssima proprietária Senhora D. Alexandrina Gonçalves.

A todos os nossos parabéns e longos anos de vida são os nossos votos.

Confraria de Nossa Senhora dos Anjos — Tomou posse a nova Mesa da confraria de Nossa Senhora dos Anjos para o ano de 1958 a 1959, representada pelos seguintes Senhores: Juiz — Augusto Gomes de Sousa. Secretário — João de Magalhães Carvalho. Tesoureiro — José Maria da Cunha. Procurador — José Maria Cachetas Pereira.

No primeiro domingo do corrente mês, a mesa de 1957 entregou a pasta à Nova Mesa com as usuais solenidades, tais como, missa cantada, procissão e ladainha de Nossa Senhora dos Anjos, etc.

Depositamos esperanças fortes na nova mesa na expectativa de que serão briosos e trabalhadores, apresentando no primeiro domingo de Agosto uma festa, como de costume, imponentíssima...

Não devem esquecer, todos os Oleirenses, que é a festa número um da freguesia e que realizando-a com todas as solenidades tradicionais, confirmam uma vez mais a devoção existente, quer por todos os habitantes de Oleiros, quer por todos os habitantes das freguesias circunvizinhas.

Contribuamos todos sem excepção, não só para o engrandecimento de Oleiros e por consequência de Portugal, mas principalmente para honrar a Virgem Nossa Senhora dos Anjos e Nossa querida Mãe...

Electrificação — Como dissetei num dos números anteriores de «Vilaverdense» sobre electricidade, não posso deixar de apresentar-vos, Oleirenses, a honrosa comissão que possuímos. Rev.º Pároco, P.º José Valentim Pereira Vilar; Rev.º P.º e Luís Soares Ribeiro; Rev.º P.º António Rodrigues; José Joaquim de Faria; Manuel José de Queirós; António Domingues Cachetas; José Gomes Fernandes; Júlio da Silva Rosas; Epifânio Domingues, Alexandrino Gonçalves; Augusto Gomes de Sousa; Manuel Augusto Cachetas; José Gonçalves; João de Magalhães Carvalho; Patrício Afonso; António Leitão da Cunha; José Maria Cachetas; Adelino da Silva Dantas; Severino Gomes Loureiro; Bento Carneiro; Lírio de Sousa Santos; Américo Correia de Sousa; António da Silva Dantas; Bento Araújo; António Arménio da Silva Faria; Eduardo Queirós; Manuel Domingues Pereira; Firmino Soares Ribeiro.

Esperamos uma comissão de número ainda mais elevado porque os homens de Oleiros são duma índole forte, são duma força de vontade extraordinária principalmente

quando se trata de embelezar este torrão onde extraem o sustento quotidiano.

Alegrou-nos imenso o saberemos que a electrificação de Oleiros se fará com a máxima brevidade e que a despeza da nossa parte é acessível a qualquer pessoa. Todos podem e devem electrificar o seu lar porque, segundo informações seguras, não dispndemos daquele capital que inicialmente pairava no conhecimento de todos os habitantes de Oleiros.

Não esqueçam ainda que este melhoramento não beneficia este ou aquele, em particular, mas sim a todos em geral. Devemos todos ter em conta que a electricidade embeleza, desenvolve e, consequentemente engrandece a nossa linda e progressiva terra.

Portanto, Oleirenses, sede fortes não esquecendo este dever, electrificando a nossa querida terra dando exemplo aos vindouros com a vossa força de vontade inquebrável, tornando-vos assim úteis à Pátria e à sociedade...

Parada de Gatim

Baptizado — No corrente mês, foi baptizada, na igreja paroquial, a menina, a quem foi posto o nome de Maria Júlia, filha de António Afonso de Faria e Elvira Correia.

Aniversários Festejaram o seu «Dies Natalis» — No dia 30 do p. p. o sr. António Moreira, prezado conterrâneo e assinante do nosso periódico.

— No dia 10 do corrente, a gentil menina Cecília Vilela Ferreira da Cunha. Goza, nesta freguesia, de larga simpatia não só pelo bom gosto que tem na conservação do altar que está a seu cargo mas também pelos serviços que presta à Conferência Vicentina, lutando pelo seu progresso.

— No dia 13 do presente mês, a menina Maria do Rosário de Fátima Fernandes Pinto, filha do sr. Victorino Gomes Pinto, grande comerciante desta freguesia.

A todos, os nossos sinceros parabéns, longos anos de vida são os nossos votos. — R.

Escariz (S. Mamede)

Aniversários — No passado dia 10 comemorou o seu nascimento a sra. D. Emilia da Silva Ferreira; e no dia 6 comemorou a sra. D. Deolinda Duarte Azevedo.

— No dia 1 fez 33 anos que faleceu, com 81 anos o visavô do correspondente, José da Silva Júnior, mais conhecido por José Padéiro.

— Em 13 de Abril fez 13 anos que faleceu com 80 anos

D. Maria da Conceição da Cunha Estrada que foi da Casa do Quintela.

Baptizados—Maria da Glória, filha de José da Cunha e de Maria Rosa Pires; António Augusto, filho de José Gomes de Carvalho e de Maria Adelaide Gonçalves Alves; Maria Deolinda, filha de João da Cunha e de Maria Júlia de Magalhães; Maria de Fátima, filha de António Gonçalves e de Felicidade Oliveira Correia.

Casamentos—Em 26 de Abril, na igreja de Parada de Gatim, celebrou o seu casamento o nosso conterrâneo e amigo António Gonçalves Moreira com a prezada menina Maria Arminda Couto de Oliveira, da daquela freguesia.

—Brevemente o conterrâneo Francisco da Cunha Azevedo, receberá como esposa a gentil menina Maria Gonçalves Machado, da freguesia de Carreiras.

—No dia 3 foi cantada uma missa na capelinha da Cruzinha em comemoração do Milagre da Aparição ali ocorrido há anos.

Luz eléctrica—Reina grande entusiasmo em toda a freguesia pela vinda da luz eléctrica. A Comissão Paroquial vai dirigir-se a todos os ausentes para auxiliarem na realização deste melhoramento. É justo que todos colaborem. Filhos desta terra—que vos viu nascer, a terra dos vossos pais—não exiteis um só momento e inscrevei-vos desde com o vosso auxílio.

Era uma vez—O tio Zé da Fornada, falecido há bastantes anos, era um apaixonado pela romaria do Alívio. Certo ano estava a assistir ao arraial nocturno com a tia Maria que sempre o acompanhava com a cesta do farnel. A certa altura, esboçando uma desordem e já andavam os cacetes no ar. O tio Zé nunca saía de casa sem a sua vara. A mulher olha para ele, ficando à inseparável companhia das suas andanças, tira-lha das mãos e diz-lhe decidida: Deixa cá ver a vara, Zé, que te podem bater. Pudera! Ela lá tinha as suas razões.—D. Apolinário.

Notícias de Soutelo

Encontra-se já quase completamente restabelecido, da doença que durante alguns dias o impossibilitou de abandonar o leito, o Sr. Reitor, capelão do Santuário de Nossa Senhora do Alívio. Sinceramente desejamos rápidas melhoras.

Cervães

Novas avaliações rústicas, em Vila Verde—Li aqui, que vão receber reforma as matrizes e gostei da declaração de não se pre-

(Continua na página 3)

DOÇARIA

LUZITANA

Rua Francisco Sanches, 119-127
Tel. 3300

e Jardim de Santa Bárbara

BRAGA

Sala de Chá

Todas as qualidades de doce

Esmerado serviço de Casamento e Festas de todas as espécies

UNIAO DOS ELECTRICISTAS DE BRAGA, L.D.A

UNDEL

Instalações eléctricas de todo o género

TELE { fone ESCRITÓRIO 2868
ARMAZÉM E OFIC. 2528
gramas UNDEL

Armazém, Oficinas e Escritório:
Rua Andrade Corvo, 38-40

CASA CLARO

DE Paulo de Sousa Claro

Fábrica e depósito de velas de cêra e artigos de apicultura

SEDE — Rua D. Diogo de Sousa, 100
FILIAL — Rua Francisco Sanches

TELEFONE 2305 — BRAGA

Notas de Lisboa

(Continuação da 4.ª Pág.)

ção de preços mais compensadores para os produtos, à garantia da colocação dos mesmos e à consequente subida do nível dos salários. Tal finalidade está, aliás, incluída nas da recente Corporação da Lavoura.

O Decreto n.º 41.287 estabelece que, além de outras funções, compete à citada Corporação: «propor ao Governo normas de observância geral sobre quaisquer assuntos de interesse para a Corporação e, em especial, sobre a disciplina das actividades agrícolas e dos seus mercados; ou, com assentimento do Estado, estabelecer essas normas, designadamente para promover a colaboração entre o capital e o trabalho, o aperfeiçoamento da técnica e o aumento da produtividade, e consequir os preços e os salários mais favoráveis para os interesses da economia nacional e para a realização da justiça social».

O funcionamento da Corporação da Lavoura e a realização do novo Plano de Fomento abrem à economia nacional, e portanto também à do Minho, as mais animadoras perspectivas. Eliminadas as práticas rotineiras e empíricas ainda enraizadas em parte da massa rural minhota, pela assistência técnica que se prevê; facilitado o aspecto financeiro do problema; obtidos preços e salários favoráveis; assegurados os mercados tanto quanto as condições internas e externas e permitirem-en-

Por Pico de Regalados De S. Miguel de Prado

Festa de Santo Isidro

No dia 10 do corrente realizou-se, com toda a solenidade, a festa em honra de Santo Isidro, padroeiro dos lavradores. O nosso amigo, P.e Domingos da Mota Vieira, estimado pároco desta populosa e extensa freguesia, foi o juiz e organizador desta encantadora festa que se realizou na formosa capela da Senhora da Conceição onde se venera o padroeiro dos lavradores.

Esta pertence à casa do Hospital, hoje propriedade do pároco acima mencionado que na reconstrução da mesma gastou, recentemente, alguns milhares de escudos, mas tem a consolação de possuir dentro dos limites das suas propriedades, um edifício construído com segurança e elegância, dedicado à Senhora da Conceição e onde está sempre presente o querido Jesus, amigo de todas as horas. O sr. P.e Domingos empregou todos os esforços para que nada faltasse e viu-os premiados, pois foi uma festa que fica a marcar na vida religiosa da freguesia.

Convidou todos os párocos do nosso arcepiado e quase todos compareceram, notando-se ainda a presença dos Rev.ºs P.e José de Castro Torres, pároco da freguesia de Taíde, Póvoa de Lanhoso, P.e Elísio Fernandes de Araújo, estimado

tratar-se-á, sem dúvida, em nova e mais progressiva fase económica.

Claro que isto não se consegue de um dia para o outro nem sem encargos e esforços por vezes gigantescos. A garantir esses encargos e esses esforços, estão, porém, o novo Plano de Fomento e a Corporação da Lavoura. Por tal motivo me pareceu que o assunto devia ser aqui anotado.

Miguel da Cunha

filho desta terra e conhecido Director do Colégio D. Diogo de Sousa de Braga e P.e Manuel Correia, pároco de Adafé. A's 11 horas iniciou-se o santo sacrificio da missa, cantada pelo Juiz e organizador da festa que era acolitado pelos Rev.ºs P.e Alfredo Soares Nogueira e P.e José Maria Barbosa, párocos de São Paio e São Cristóvão do Pico.

Dirigiu as cerimónias litúrgicas o Rev.º P.e Abel Moraes, pároco da Portela do Vade e serviu de turiferário o Rev.º P.e Carlos Pinheiro Alves, pároco de Atães e Vilarinho.

Desempenhou as funções de crufífero o Rev.º P.e Alberto da Silva Araújo, filho desta freguesia, sendo ceroferrários o Rev.º P.e Salvador Sousa, pároco de Sande e o Rev.º P.e João António Alberto de Araújo, também filho desta freguesia e venerando decano do clero do nosso arcepiado.

Em lugar de honra estava Mons. Manuel Mosquera, pároco de Azóes e o sr. Cónego Domingos Peixoto da Costa e Silva, nosso prezado director e venerando arcepiado deste arcepiado de Vila Verde.

Ao lavabo subiu ao púlpito o Rev.º P.e José Fernandes de Azevedo, pároco de Godinhães, que pregou o sermão em honra de Santo Isidro.

Além dos padres, viam-se entre a assistência várias pessoas de grande projecção social, como o sr. dr. Paulo de Sousa, ilustre e conceituado professor do Liceu Nacional de Braga, os sr. Augusto César Vieira e Joaquim da Assunção Vieira, respectivamente chefe da Secretaria Judicial do Tribunal de Braga e escrivão do mesmo tribunal.

Estavam também presentes os sr. António Inácio da Mota Vieira com sua esposa D. Emilia Amorim Mota Vieira, José Baptista da Mota Vieira, distinto escrivão do tribunal de Braga, bem como sua esposa D. Aida dos Anjos Mota Vieira, João Crisóstomo da Mota Vieira e sua esposa D. Julieta de Jesus Lopes Mota Vieira, o sr. Dr. Avelino Joaquim de Matos

Vieira e sua esposa D. Maria da Purificação da Mota Vieira, todas pessoas de família do sr. P.e Domingos como se pode verificar pelos nomes por que são conhecidas.

Estavam ainda vários sobrinhos cujos nomes não tivemos oportunidade de registar.

Tendo terminado as cerimónias religiosas, todos se dirigiram para o local onde ia ser servido um apetitoso e bem confeccionado almoço. Como o sol prometia dissipar as névens entre ele e a terra existentes, resolveu-se que o tecto da sala de jantar fosse o lindo céu de São Miguel de Prado e que o almoço se realizasse à sombra das odoríferas laranjeiras que com o seu aroma agradável deliciavam o sentido do olfacto ao mesmo tempo que o do gosto era saciado pelo saboroso alimento e delicioso vinho.

Um almoço servido com tanta perfeição obriga a brindes que também não faltaram neste dia.

Em primeiro lugar levantou-se Mons. Manuel Mosquera, que apresentou as suas felicitações ao Juiz da festa e família e disse que uma solenidade desta é digna de ser repetida no aniversário.

O sr. P.e Domingos não se zangou com a proposta.

A seguir o Rev.º P.e Manuel Diogo, pároco de Vila Verde felicitou o homenageado pelo seu espírito de camaradagem para com os seus colegas no sacerdócio. O sr. Cónego Domingos Peixoto disse que dava por bem empregados todos os sacrificios para poder estar presente, pois teve a oportunidade de assistir a uma festa cheia de beleza e encantos.

O Rev.º P.e José Fernandes de Azevedo felicitou o sr. P.e Domingos, a quem apresentou os parabéns pelo aniversário da sua querida tia, sr. D. Adelaide Sofia Teixeira da Mota, que há dois dias tinha completado a bela idade de 88 anos.

O Rev.º P.e José de Castro Torres, pároco de Taíde, felicitou o seu velho amigo dizendo-lhe que está longe da vista mas não do coração onde existe uma veneração especial pelo seu amigo.

O P.e Salvador de Sousa felicitou o Juiz da festa pelos momentos de prazer espiritual que proporcionou a todos os presentes e disse que o sr. P.e Domingos, sendo cumulado

por Deus com grandes bens materiais, não vive para estes, mas pelo contrário, por meio deles, se eleva a um fim muito mais sublime, repartindo pelos operários o rendimento daqueles bens que herdou da sua família.

Afirmou ainda que, se houvesse muitos imitadores do sr. P.e Domingos, estariam já resolvidas muitas questões sociais por cuja solução lutaram os Papas Leão XIII e Pio XI, de saudosa memória.

O sr. P.e Abel Moraes também se levantou para felicitar o P.e Domingos e para dar os parabéns por ter à sua mesa as pessoas de família.

Por último falou o sr. P.e Domingos Mota Vieira que agradeceu a presença de todos os presentes, especialmente do sr. Arcepiado, traçou rasgados elogios ao sr. Arcebispo Primaz, fazendo votos pela conservação da sua preciosa saúde e propôs que todos os anos o clero de Vila Verde tenha uma reunião de confraternização para que haja união entre todos, pois união é sinal de força e desunião é sinal de fraqueza. Sabemos pela lição dos sete vimes que o filho mais novo partia-os facilmente quando estavam separados e o mais velho, apesar da sua força, não conseguiu parti-los quando estavam unidos.

Dirigiu ainda palavras carinhosas aos seus irmãos, cunhados e sobrinhos presentes, fazendo votos para que se continuem a compreender mutuamente como até ao presente e por último pediu aos seus sobrinhos que continuem a honrar as tradições religiosas da família, terminando por dizer que se gloria de ser filho de pais cumpridores dos mandamentos de Deus e da Santa Igreja.

A's quatro horas todos os convidados se dirigiram para a capela para rezar o terço e assistir à consagração dos lavradores a Santo Isidro.

Durante a tarde, a música da Oficina de São José, que abrilhantou esta festa com os belos cânticos que agradaram plenamente a todos os assistentes, continuou a prender a atenção dos ouvintes com várias peças do seu vasto repertório.

Várias pessoas de Vila Verde vieram cumprimentar o sr. P.e Domingos, apresentando parabéns pela grande festa que realizou.

De Sande

Chuva desejada — Depois de algum tempo em que se sentiu intenso calor que secou as terras, veio a desejada chuva que fez germinar a semente lançada nas mesmas.

Os nossos agradecimentos ao Senhor que nos mimoseou com mais este favor.

Trabalhos agrícolas

Os lavradores desta terra andam atarefados com a preparação das terras donde tirarão na altura própria o desejado milho.

Esperamos que Deus há-de abençoar todos os sacrificios deste povo trabalhador. — C.

Cervães

(Continuação da 2.ª página)

tender fazer pagar mais e ser possível alguns ficarem a pagar menos. Tratar-se-á então de corrigir erros, e, daí, decerto, quem está já a pagar o preciso, não poder piorar; quem estiver a pagar de menos, pode aumentar, mas não deve ser muito; e quem estiver pagando demais, deve melhorar. Cada comissão devia orientar-se por um louvado de cada freguesia e também ser ouvido cada proprietário para efeitos de informar se há alguma coisa que possa prejudicar o rendimento de cada prédio seu, como... foros, hipotecas, falta de água, muros caminhos ou servidões péssimas, visinhos indesejáveis, morrer feijão, vides e milho e o AR parecer de rendimento e nos maus anos, cair deles a fruta, não dar vinho e alugar o chão de forma a este nada render, nem chegar bem para pagar uma contribuição pequena e muito menos para pagar grandes contribuições com que a nossa lavoura, — arte de empobrecer alegremente —, nunca pode, nem que gaste com certos campos mais do que o seu rendimento, como acontece a muitos dos humildes lavradores. Ninguém, como quem cultiva cada prédio, pode saber louvar o que tem, e só se avalia bem um prédio, sabendo o que se gasta para ele render o preciso para o agricultor e a contribuição. — Cândido Bacelar.

A Ermida de S. Bartolomeu
Notas e apontamentos

Certamente ninguém desconhece a importância do estudo histórico dos numerosos santuários que alvejam no cume dos montes, ou se escondem recolhidamente, debaixo de oliveiras velhinhas, ao longo dos vales das paróquias minhotas.

Tanto os existentes, como os extintos, têm a sua história ligada a uma, ou mais freguesias. São pergaminhos duma época opulenta de fé, de espírito cristão que piedosamente os fez construir, mais ricos de arte, ou mais rústicos, os dotou dos meios necessários para o exercício do culto e procurou conservar. Os que já desapareceram, o estado ruinoso e de abandono em que muitos se encontram, despojados do seu minguado património, são documento honroso da época que estamos a atravessar. Não é tarefa fácil descrever a história de alguns desses santuários e ermidas, por falta da indispensável documentação. É o que acontece com a ermida de S. Bartolomeu de Escariz, objecto destas notas.

Na linha do poente, no limite desta freguesia e do concelho, com os de Ponte do Lima e Barcelos, a extremar com o Vilar das Almas e Igreja-Nova, está situado o monte da «Gata-nha», de altitude regular. Sensivelmente, a meio da encosta, voltada ao nascente, destaca-se a ermida, orientada no sentido de sul-norte. De construção muito singela, compõe-se de dois corpos: a primitiva ermida, que faz de capela-mor e mais uma redu-

zida nave acrescentada, salvo erro, em 1930. É possível que lá houvesse qualquer inscrição ou data e fosse destruída nessa ocasião. Seria a sua certidão de idade. Quando teria sido edificada?

O Tombo de S. Mamede foi feito em 29 de Maio de 1508. Ao traçar os limites da freguesia, fala no monte de S. Bartolomeu. Já era conhecido por esse nome, portanto, prova de que também já existia lá a ermida do Santo. Desde que tempo não se pode precisar. Nas Memórias Paroquiais de 1758 vem mencionada, assim como a festa que se fazia no respectivo dia, «com algum concurso de gente». Era de guarda o dia 24 de Agosto, como se lê nas Constituições de 1639: «São Bertholameu, apóstolo, se guardará». Nos livros dos capitulos das visitasções há referências à dita Capelinha, pelo menos, desde 1687. Para os visitantes o acesso devia ser custoso, por isso mesmo, raras vezes lá iriam. Naquele ano, o Dr. Constantino de Araújo de Cerveira, Cónego Mestre-Escola da Sé de Braga, capitulou: «Mandarão os freigueses forrar a capella de São B.meu e em madeirala do necessário em termo de seis meses e bem poderão aseitar o partido que lhe fasia o R.do Abb.º e não cortem os carvalhos ou sobreiros sob pena de Des tostonis que os não relevarei». Em 14 de Agosto de 1713 é novamente recomendado que se não cortem os ditos carvalhos e sobreiros, lá plantados para sombrear o local.

Em 1739, recomendam-se algumas obras de conservação que, em futuras visitas se verificou não terem sido feitas. Era a falta de zelo e interesse que começava a notar-se. Como explicar a origem da devoção ao Apóstolo S. Bartolomeu? Na arquidiocese de Braga, pouco ultrapassa de meia dúzia o número de paróquias dedicadas ao Santo! Também deve ser reduzido o número de santuários, ou ermidas onde é venerado. Escreveu Mons. Miguel de Oliveira: «Entre os outros apóstolos, foi S. Tiago Maior o preferido como patrono, mercê da difusão das lendas compostelanas... Santo André e S. Tomé tiveram também culto antigo e bastante divulgado, ao passo que S. Bartolomeu e S. Mateus apenas se tornaram populares no século XI».

O sublinhado é meu. Portanto não foi das mais divulgados o seu culto. Como nas proximidades não consta haver outro santuário dedicado ao mesmo Santo Apóstolo, é natural que viessem a esta freguesia osromeiros e devotos de outras localidades dirigir-lhe suas preces. O Tombo de Parada de Gatim, do meado do século XVIII, ao mencionar os clamores e procissões, obrigatórios, por uso e costume, aponta dois a S. Bartolomeu, na sua ermida. Um no 2.º sábado da Quaresma, outro no dia do Santo, a 24 de Agosto.

O Costumeiro de Freiriz, da mesma época, cita igualmente todos os clamores anuais, de obrigação paroquial, entre os quais, um a S. Mamede, no 4.º sábado da Quaresma que devia ser em honra de S. Bartolomeu. Os fieis de S. Martinho também faziam vários clamores e é de

crer que fosse dirigido ao dito Santo algum desses. Doutras freguesias não tenho elementos para me pronunciar. O clamor anual desta freguesia continua a fazer-se como uma tradição que vem de muito longe. Qual seria o objectivo particular desta devoção?

Todos sabem que iconográficamente se costuma apresentar a imagem do Santo com o diabo a servir-lhe de peanha e preso por uma cadeia. É evidentemente uma alusão ao poder e privilégio que S. Bartolomeu tinha de expulsar o demónio do corpo dos possessos, de o desmascarar na figura dos seus ídolos que caíam por terra, reduzidos a pó, e do castigo terrível infligido aos autores do seu martírio. Ficaram todos possessos do anjo das trevas que depois de os atormentar cruelmente os arremessou ao mar.

Costuma dizer-se que no dia do Santo «andam todos os diabos à solta»!... Na vila de Ponte da Barca fazem-se grandes festas e uma feira anual, na véspera e dia de S. Bartolomeu que é muito venerado na sua Capela, situada na Rua Direita, e fundação talvez do século XVI, embora soffresse depois várias reformas.

Na véspera, ao queimar a primeira girândola de fogo, ouvia-se logo de todos os lados: «Soltou-se o diabo». Tarrenegol... Era caso para fazer, acto contínuo, o sinal da cruz.

Ao mafarrico seria concedido algum feriado? Parece pois naturalíssimo que os devotos se encomendassem a S. Bartolomeu para os defender das ciladas de Satanaz e dos perversos instintos daqueles que o trazem no coração! Este certamente devia ser o mo-

tivo principal. Porém não era único. Na tradição desta freguesia consta que o Santo Apóstolo também é invocado para defender os seus devotos das tempestades e trovoadas vindas do lado do mar. Assim quando troveja, antes de S. Jerónimo, de S.ta Bárbara invoca-se S. Bartolomeu.

Todos os anos, são nomeados um ou mais mordomos para lhe fazer a costumada festa. Há cerca de cem anos aconteceu um facto deveras singular e jamais esquecido. Foi nomeado um mordomo que se recusou a servir o Santo e no seu dia, certamente já dispensado, se permitiu quebrar a praxe, respeitada na freguesia, trabalhando e fazendo trabalhar a gente da sua casa de lavoura. Pois a determinada hora, levantou-se um medonho furacão, rigorosamente circunscrito aos terrenos do mesmo, que provocou o arranque de numerosas e robustas árvores de fruto, espatifou ramadas, espantou para lugar distante uma junta de bois, pôs em perigo a vida do irreverente lavrador e de algumas pessoas de família. O susto foi tão grande que nunca mais lhes esqueceu. Os próprios descendentes, a cada passo, recordam o caso que impressionou profundamente a população da freguesia pelas particularidades de que se revestiu.

Além dos motivos apontados a justificar a devoção a S. Bartolomeu, ainda haveria mais outro. O local da ermida era ponto de passagem quase obrigatório, espécie de encruzilhada, para os que transitavam dumas freguesias para as outras, mesmo até de Viana para Braga, ou vice-versa. O sítio, ermo, era apropriado para toda a espécie

de assaltos. Por ali passou uma quadrilha, vinda dos lados de Panque, há umas dezenas de anos, que, alta noite, assaltou uma casa de lavoura do isolado lugar de Amproa, cujos donos, bastante idosos, foram obrigados a entregar todos os valores, bragal, cereais, salgadeira, etc. com que carregaram algumas mulas e assim causaram a ruína aos indefesos lavradores.

É, pois, muito natural que tivesse acudido ao espírito desse longinquo Bartolomeu, ou aninimo devoto, instalar, naquelas paragens, um nicho, ou mesmo já a própria ermida, dedicada ao Santo Apóstolo, a fim de, também, obter protecção e defesa para os caminhantes e moradores destas localidades. Quantas vezes, exaustos e sequiosos, se sentaram à sombra dos sobreiros, a matar a sede com a água puríssima que, ao lado, brota da «Fonte do Santo», considerada uma das melhores, senão a melhor da freguesia. — S.

GRALHAS

É raro que as impertinentes gralhas não mostrem as suas habilidades no «Vilaverdense».

O benévolo leitor se encarrega de corrigir algumas. Outras há necessidade de as emendar.

Assim no p. p. no folhetim da última página saiu:

A mais, em vez de «A meio», conforme, em vez de «confirma», na inserção transcrita faltaram alguns do original. Cristo Senhor, em vez de «Cristo Nosso Senhor», alargadico, em vez de «alagadiço», 4706, em vez de 1706, seu lelleiro, em vez de seu leltreiro, etc.

Preço anual de assinaturas:	
Continente	25\$00
ULTRAMAR e Brasil (via marítima)	55\$00
» » (via aérea)	140\$00
Outras nações (via marítima)	65\$00
» » (via aérea)	160\$00

Sessão ordinária da Câmara Municipal

do dia 15 de Maio de 1958

Foi concedida assistência hospitalar

A Manuel Augusto Veloso, de Moure; a Manuel Carneiro Gonçalves, de Duas Igrejas; a Carolina Rodrigues, de Soutelo; a Manuel Gonçalves Machado, de S. Martinho de Valbom; a João Baptista Antunes, de Valdreu.

Foram concedidas licenças para obras

A Alfredo Soares de Oliveira, de Vila Verde, para colocação de um toldo junto da via pública; a António Joaquim Dias, de Soutelo, para limpeza e caiação de um prédio; a Joaquim Fernandes, de Soutelo, para abertura de uma entrada carral; a António Xavier da Silva, para condução de água através da via pública; a Zulmira da Apresentação Antunes Brites, para vedação junto da via pública; a Amaro de Sá Carneiro Pereira, Portela do Vade, para abertura de uma janela, junto do caminho público; a Manuel Vieira da Costa, Parada de Játim, para vedação de duas bouças; a José Nogueira da Silva, de Aguela, Moure, para reconstrução de um muro de vedação; a João Gomes da Silva, para reconstrução de uma casa de habitação.

Os cães, em Vila Verde

É uma vergonha

Fizemos já uma local, neste jornal, em que chamávamos a atenção para o espectáculo deprimente dos cães à solta, em Vila Verde.

Estaremos numa reles aldeia do Paio Pires?

Bradámos ao vento, ninguém nos ouviu, nenhuma providências foram tomadas. Andam as matilhas, à solta; de manhã e à noite, e muitas vezes de dia, assaltam os transeuntes com os seus dentes afilados. Exibem, publicamente, cenas vergonhosas.

Muitos são cães de caça, não são vadios.

Os seus donos mandam-nos para a rua, para haver quem os sustente.

E' preciso andar armado em Vila Verde contra os cães. Se isto continuar assim, vamos pedir a Sua Excelência o Senhor Ministro do Interior que permita o uso de porte de armas nesta Vila. Sem as formalidades da praxe, como medida de defesa de emergência contra os cães.

Isto não se passa nos Arcos, nem na Barca.

Se não forem tomadas as devidas providências, oficiaremos ao senhor Ministro do Interior.

As Autoridades não estejam com contempções, porque quem traz os cães à solta, abusando dos meios empregados, não merece atenção.

Tenham paciência, mas não deixaremos o assunto, até que esta Vila tome o aspecto de terra civilizada neste ponto.

António Joaquim Ribeiro

— o realista — vai-se aposentar por atingir o limite de idade

Quem não conhece o Ribeiro — o realista — oficial da nossa Câmara há 36 anos?

No dia 11 de Maio, António Joaquim Ribeiro, completa 70 anos de idade, sendo, por isso atingido pela lei inexorável da reforma.

O Ribeiro é uma figura simbólica, típica de Vila Verde.

Funcionário apuramado, de linha, cumpridor das suas obrigações, respeitador dos seus superiores, amigo dedicado dos seus colegas, sabendo sempre ocupar o seu lugar.

Correto para com todos, amigo de servir desinteressadamente, obsequioso.

Mas cuidado com ele!... Debaixo daquele todo de homem direito e sisudo, com facies de quase um letrado ou desembargador, está uma alma estudantil, folgazão; sempre pronto às piadas mais finas e às partidas hilariantes, próprias dum universitário conimbricense com sangue na guelra.

Humorista da velha estirpe vilaverdense, é um dos últimos das gerações despreocupadas que sabiam viver sempre contentes.

Dá baixo à vida pública de funcionário cumpridor e estimado, mas Deus continuará a dar-lhe vida no seio da sua família respeitada, honesta, onde é um exemplar chefe cristão.

Reunião, na Câmara Municipal de Vila Verde, para preparação do acto eleitoral

No dia 19, realizou-se, nos Paços do Concelho, uma reunião convocada pela União Nacional Concelhia e pelo sr. Presidente da Câmara, para preparação do acto eleitoral próximo para a presidência da República.

Assistiram muitos Párcos, Presidentes das Juntas de Freguesias, Regedores, etc.

Não fazemos a reportagem do acto, porque o nosso jornal não foi convidado.

Godinhaços

ELÉCTRICIFICAÇÃO — Na esperança próxima de chegar até cá este grande melhoramento, anda o povo desta freguesia animado e contente. Os ilustres emigrantes e tantos são, ajudam generosamente. O presidente da Comissão Paroquial Avelino Barbosa de Oliveira, homem de acção e cheio de bairrismo, trabalha diligentemente para conseguir esta obra importante e útil.

—Seguiu para o Rio de Janeiro, Albino da Costa Azevedo, genro do nosso amigo Artur Pimenta.

—Chegou do Rio de Janeiro, David de Oliveira Nogueira, benquista jovem, filho de uma das melhores famílias e amigo do progresso da sua terra.

Seja bemvindo. —C.

Avaliação geral da propriedade rústica

Continuação da 1.ª pág.

Da boa colaboração dos contribuintes dependerá o êxito do trabalho a realizar.

Evitar-se-ão reclamações e, na hipótese do Registo Predial se tornar obrigatório, livrar-se-ão de muitos incómodos, porque um prédio mal matricado será mal registado e poderá vir a ser fonte de discórdias, de questões e até de crimes.

Os principais elementos a fornecer às comissões de avaliação, são os seguintes:

Nomes — Os proprietários devem indicar o seu nome completo, tendo o cuidado de mencionar sempre o mesmo para todos os prédios, acrescentando-lhe qualquer indicativo para melhor o caracterizar se porventura no mesmo local existir outro indivíduo com o nome igual. Assim evitará que a sua contribuição surja em vários conhecimentos ou que os seus prédios apareçam no verbete de outra pessoa.

Também devem indicar os nomes por que o prédio é conhecido.

Marcos — Os marcos que limitam as propriedades devem estar visíveis. Só assim o prédio poderá ficar bem medido e matricado com a área que verdadeiramente lhe corresponde.

Confrontações — Os nomes dos proprietários confrontantes devem ser informados com exactidão e actualidade.

Quintais e eidos — Muitos quintais e eidos já estão inscritos nas matrizes urbanas juntamente com as casas a que pertencem. Alguns, porém, não foram avaliados quando da organização das

matrizes urbanas e outros consideram-se com área superior à permitida. Estes defeitos podem ser agora corrigidos se os proprietários tiverem as suas *cadernetas urbanas em dia e as mostrarem às comissões*, de avaliação quando lhes solicitarem.

Águas — Os louvados devem também ser esclarecidos das águas de que o prédio dispõe de lima, de rega de levada ou de poço.

Foros, censos, pensões e Quinhões —

Quando os prédios sofrerem algum destes encargos devem os proprietários estar munidos com documentos que os comprovem (escrituras e recibos), mencionando o nome do senhorio directo, ou pessoa a quem o encargo é pago, a qualidade e quantidade de géneros que constituem o foro, censo, pensão ou quinhão e a taxa do laudémio, se o houver.

Rendimentos — É importante salientar-se que os louvados não vão avaliar os prédios mas determinar o rendimento que eles podem produzir normalmente.

Não lhes importará, por isso, que certo prédio esteja primorosamente tratado, com belos muros e arranjos devidos ao bom gosto ou capricho do seu proprietário; nem que outro seja mal explorado, quase ao abandono. Não se pode castigar o trabalho nem premiar o desleixo. Nesta conformidade os rendimentos serão calculados em função dos géneros que os prédios podem produzir habitualmente, num ano que não seja nem muito bom nem muito mau. Se um pinhal estiver repleto de pinheiros é porque o seu dono

Inauguração de uma Capela na Loureira

No passado dia 4 de Maio, a freguesia da Loureira esteve em festa pela inauguração de uma nova Capela, nesse dia benzida solenemente e dedicada ao culto público, no lugar do Paço.

A antiga quinta do Paço com a sua vivenda foi recentemente adquirida pelo comerciante do Porto, senhor Eduardo Vieira, que procurou restaurar a casa. Como havia na primeira sala da casa uma antiga capela de Nossa Senhora da Conceição, resolveu o novo proprietário construir à entrada da sua quinta uma capela, que, sendo sua propriedade particular, pudesse servir para exercício do culto público, para fomentar a devoção à Imaculada Conceição.

A capela é em granito, de boa construção; tem um lindo altar em madeira com talhas, onde está a imagem da Imaculada com outras imagens bem antigas e de boa esculptura.

A capela foi benzida, às 11 horas da manhã, pelo reverendo Pároco, Padre Manuel António Caridade, acolitado pelos reverendos Padre Manuel Gonçalves Diogo e Padre Luís Soares Ribeiro. A seguir, foi celebrada pelo Reverendo Pároco da Loureira, missa solenemente cantada, sendo a coral executada pelo coro de S. Paio de Merelim com instrumental.

Ao ofertório, o Reverendo Pároco de Vila Verde, fez um sermão alusivo à solenidade.

Assistiram à festa além do proprietário senhor Eduardo Vieira, sua esposa D. Deolinda Olivia Vieira, sua filha Maria Eduarda Vieira, seus sobrinhos, muitas pessoas de família e amigos do Porto, Loureira e Vila Verde.

Em lugar de honra, assistiu o senhor Presidente da Câmara, doutor António dos Santos Ferreira.

A seguir a família Vieira ofereceu aos seus convidados um lauto copo de água, onde o senhor Presidente da Câmara e o pároco de Vila Verde, em nome de todos os párcos presentes, fizeram brindes que exultaram o gesto nobre do senhor Vieira e de sua esposa na construção desta nova capela.

No fim o senhor Vieira agradeceu muito comovidamente.

tem acumulado o rendimento que anualmente poderia retirar; se estiver arrasado foi porque o proprietário quiz utilizar todo o rendimento de uma só vez, colhendo-o antes do período normal.

Os louvados e os funcionários da Secção de Finanças prestarão todos os esclarecimentos que lhes forem pedidos.

Confia-se que o público colabore como deve num trabalho de tão grande importância como este das avaliações gerais.

Notas de Lisboa

Perspectivas Animadoras

Depois de um período muito ocupado que não me deu possibilidades de manter a regularidade destas despreziosas notas, apetecia-me reatá-las com um assunto ligeiro. Deu-se porém um facto muito importante que não posso deixar de referir: o conhecimento dos objectivos a alcançar através do plano de fomento relativo aos anos de 1959 a 1964, o qual implicará a aplicação de trinta milhões de contos (21 na Metrópole e 9 no Ultramar).

Salienta-se que é finalidade do Plano o investimento, na Metrópole e nos anos acima indicados, de 68 milhões já referidos — estes programas sob



O Melhor Café do Brasil

DE

Mário Joaquim de Queirós & C.

TELEFONE 2104

BRAGA

a direcção do Estado. Fica portanto larga margem à iniciativa privada.

Numa conferência de Imprensa, o Secretário Nacional de Informação expôs alguns passos do Plano, na altura divulgados, como se sabe, pelos jornais diários. O pedido de autorização do Plano foi entregue na Assembleia Nacional e o respectivo projecto enviado à Câmara Corporativa para que esta omitta o seu parecer.

Entre os objectivos do Plano acham-se os ligados à Agricultura: ora é justamente tal aspecto que me sugere as notas de hoje. Considerando que, além do mais, o Governo tem em vista: «iniciar a reorganização agrária com o emparcelamento facultativo dos minifúndios e melhor aproveitamento das terras regadas; aumentar a produtividade agrícola, florestal e pecuária, mediante intensa campanha de tratamento e de

sa sanitária das plantas e dos animais; reforçar em 75% do seu capital actual o Fundo de Melhoramentos Agrícolas, destinado a proporcionar crédito barato (2% ao ano) e a longo prazo (até 30 anos) aos agricultores, investindo 150.000 contos; desenvolver a investigação científica aplicada, nos sectores agrícola, florestal, pecuária, mineira e industrial...» considerando isto —dizia— não se pode deixar de pensar nos subsídios benéficos que a economia da nossa região também virá a colher.

Projecta o Governo iniciar a execução de um plano de rega que abrangirá uma área de 164.000 hectares, sobretudo no Alentejo, o qual, neste plano, atingirá 46.000 hectares, mediante o dispêndio de mais de um milhão de contos.

Justifica-se plenamente que, neste aspecto, sejam as terras alentejanas as principais beneficiárias. Mas como digo, eu pensei no Minho: e pensei, porque a economia minhota, apesar do desenvolvimento comercial e industrial dos últimos anos, continua essencialmente ligada à agricultura. Ora em tal sector muito se pode fazer, desde o aumento e do melhoramento da produção através de novas técnicas e de auxílios financeiros e de outras espécies, até à obten-

Em Lourdes

(Continuação da 1.ª página)

vela respeitaram os delicados dedos da beneficiada Bernardette.

D'outra vez N. Senhora mandou-lhe que escavasse na terra enxuta. Aberta uma pequena cova da largura e fundura da sua pequena mão, logo jorrou um fio de água lamacenta a princípio, e que depois se foi, pouco a pouco, engrossando e cristalizando.

Porém o momento mais solene foi, sem dúvida, aquele dia 25 de Março de 1858, festa da Anunciação de Nossa Senhora, em que Ela humildemente disse quem era.

Conta Bernardette que a Virgem pareceu humilhar-se até à terra, como que para pedir algum favor, e seguidamente estendeu os braços, alevantou os olhos para o céu, ajuntou depois magestosa e lentamente as mãos em frente do peito e disse: — **Eu sou a Imaculada Conceição.**

Estava, com efeito, confirmado o dogma de Sua Conceição Imaculada, um pouco antes definido por Pio IX, em 8 de Dezembro de 1854.

Terminada esta última aparição, Bernardette vai repetindo, para consigo, o recado que a Senhora lhe entregou, para se não esquecer.

— Então sempre foi Nossa Senhora quem te apareceu, perguntou-lhe o pároco da freguesia.

— Não, Senhor Prior, não era Nossa Senhora, respondeu muito triste a inocente menina. Era a **Imaculada Conceição.**

A. Oliveira de Sousa

(Continua na 3.ª página)